

**FILOSOFIA E EDUCAÇÃO:
UMA RELAÇÃO ENTRE ARTE E PEDAGOGIA**Maria Paula Pinto dos Santos BELCAVELLO^P**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo contribuir com o debate que gira em torno da tríade: Filosofia, Filosofar e Educação, motivando o pensamento a refletir filosófica e pedagogicamente sobre as questões que perpassam o ensino de Filosofia no Brasil. Essa altercação vem rompendo fronteiras e atravessando **espaçostempos** escolares e não escolares. Num diálogo com diversos autores e documentos, busca-se unir vozes para que se possa refletir, discutir e re-pensar essa relação **triádica**, na qual o filosofar se apresenta como instrumento capaz de coadjuvar na construção de um pensamento criativo e transformador. A pretensão deste estudo não é esgotar o tema apresentado, nem abranger todas as questões envolvendo a tríade mencionada; tudo isso seria impraticável. Todavia, se deseja re-pensar, sobretudo, na urgência de uma educação que favoreça o crescimento do sujeito na direção de uma consciência filosófica, permitindo que o mesmo tenha condições de questionar, entre outras coisas, a educação que se oferece e a que deseja. Dessa forma, é essencial, antes de tudo, saber que tipo homem se pretende formar e para qual modelo de sociedade.

Palavras-chave: Filosofia. Filosofar. Educação.

^P Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGE/FACED). Mestra em Educação pela mesma Universidade e Vice-Diretora do Colégio Militar Tiradentes (CTPM/JF). Professora-Tutora do curso Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação (TICEB/UFJF/UAB). Pesquisadora associada ao Travessia Grupo de Pesquisa NEC/PPGE/UFJF.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo contribuir com o debate que gira em torno da tríade Filosofia, Filosofar e Educação, motivando o pensamento a refletir filosófica e pedagogicamente sobre as questões que perpassam o ensino de Filosofia no Brasil. Essa altercação vem rompendo fronteiras e atravessando **espaçostempos** escolares e não escolares. Num diálogo com diversos autores e documentos, busca-se unir vozes para que se possa refletir, discutir e re-pensar essa relação **triádica**, na qual o filosofar se apresenta como instrumento capaz de coadjuvar na construção de um pensamento criativo e transformador.

A pretensão deste estudo não é esgotar o tema apresentado, nem abranger todas as questões envolvendo a tríade mencionada; tudo isso seria impraticável. Todavia, se deseja re-pensar, sobretudo, na urgência de uma educação que favoreça o crescimento do sujeito na direção de uma consciência filosófica, permitindo que o mesmo tenha condições de questionar, entre outras coisas, a educação que se oferece e a que deseja. Dessa forma, é essencial, antes de tudo, saber que tipo homem se pretende formar e para qual modelo de sociedade.

2 NA TRILHA DA FILOSOFIA

A sabedoria perfeita (σοφία) é própria de Deus, que é sábio por excelência. Os homens somente são *filósofos*, quer dizer, amantes ou admiradores da sabedoria (FRAILE, 2010, p. 3).¹

A História da Filosofia é atravessada por grandes conflitos éticos, políticos, culturais, religiosos, científicos e tantos outros. Sua trilha, repleta de obstáculos, foi construída pelo homem, por meio de seus mutáveis pensamentos. O vocábulo Filosofia foi sugerido pelo filósofo e matemático grego Pitágoras de Samos. Esse pensador viveu entre os anos 580 e 497 a.C. Ao ser chamado de sábio pediu que o

¹ Tradução nossa do texto original em espanhol: “La sabiduría perfecta (σοφία) es propia de Dios, que es el sabio por excelencia. Los hombres solamente son *filósofos*, es decir, amantes o aficionados a la sabiduría.”

chamassem somente de filósofo, já que a sabedoria completa somente os deus possuíam.

Etimologicamente, o vocábulo supracitado é composto por dois outros, a saber: *philo* e *sophia*, assim *philosophía*. *Philo* advém de *philia* e quer dizer amizade, respeito, amor fraterno; *sophia* significa sabedoria, conhecimento, donde deriva *sóphos*: sábio. Filosofia expressa, destarte, a amizade, o amor fraterno e o respeito pela sabedoria. Disso decorre que filósofo é aquele que se insere nessa senda, buscando através do conhecimento tornar cada vez mais estreita tal amizade. Para tanto, não quer dizer que o mesmo seja senhor, mas amante do saber; aquele que se propõe ir ao encontro da sabedoria, em busca do conhecimento, envolvendo-se com ele para então compartilhá-lo, a fim de que todos possam saboreá-lo, abrindo-lhes o apetite e deixando-os sequiosos de *sapere* (expressão latina que dá origem às palavras saber e sabor).

Entendida como uma forma de pensamento que trabalha com o espírito crítico, a Filosofia não possui uma única acepção universal reconhecida e válida. Desde sua suposta gênese na Grécia antiga (por volta do século VI a.C), mais precisamente em Mileto (antiga cidade da Ásia Menor no sul da Jônia - atual Turquia), ela vem sendo pensada e re-pensada. Sempre se buscou uma definição mais acurada, mas reduzir a Filosofia a uma explicação etimológica é dar-lhe um caráter superficial, colocar-lhe uma roupagem impermeável, desconsiderar sua essência que está para além das palavras. A simples análise etimológica do termo não diz muito. Seria, talvez, uma forma ingênua de tentar desvendar a profundidade de sua natureza com o fito de revelar seu genuíno teor. Fraile salienta que:

Muitas e muito variadas têm sido as vicissitudes pelas quais atravessou o conceito de filosofia ao longo de sua história, desde que Pitágoras, ou quem quer que fosse seu inventor, lançou essa palavra em circulação. Porém nas escolas gregas o prefixo *filos*, colocado antes de *sophia*, não estabelecia entre ambas as coisas uma linha divisória. Sofia e Filosofia eram conceitos idênticos, que abarcavam todo o âmbito do saber humano, cujas partes se foram distinguindo e articulando pouco a pouco, em conformidade com as diversas maneiras em que as distintas escolas entendiam a realidade (FRAILE, 2010, p. 3).²

² Tradução nossa do texto original em espanhol: "Muchas e muy variadas han sido las vicisitudes por que ha atravesado el concepto de filosofía a lo largo de su historia, desde que Pitágoras, o quien fuese su inventor, lanzó esa palabra a la circulación. Pero en las escuelas griegas el prefijo *filos* antepuesto a la *sophia* no establecía entre ambas cosas una línea divisoria. Sofía y Filosofía eran conceptos idénticos, que abarcaban todo el ámbito del saber humano, cuyas partes se fueron

A Filosofia não pôde ser descrita, na sua inteireza, nem mesmo pelo vocabulário rico e clássico dos gregos, haja vista que não se trata de uma ciência, muito menos uma ciência exata, passível de uma definição precisa, trata-se de um conhecimento, uma forma de saber, que se propõe a estudar todas as coisas. Um dos caminhos de aquisição da Filosofia é a capacidade de ser sensível às suas indagações, sutilezas e meandros. É um mundo que se descobre e se vive somente quando se decide seguir sua trilha. É assim que se entende, com Nicola Abbagnano, que “o clima em que pôde nascer e florescer a filosofia grega foi preparado pela poesia. A reflexão moral dos poetas elaborou na Grécia os conceitos fundamentais que deviam servir aos filósofos para a interpretação do mundo” (ABBAGNANO, 1976, p. 21).

O fato de se reconhecer, quase que de forma unânime, o **espaçotempo** do surgimento da Filosofia na Grécia Antiga e Tales de Mileto como primeiro filósofo, não se está afirmando que antes não havia reflexão. A mente humana é, por natureza, inquiridora e para uma mesma pergunta podem ser oferecidas diversas respostas, sejam elas míticas, científicas ou filosóficas. Os diversos povos da Antiguidade – assírios, babilônios, chineses, indianos, egípcios, hebreus, persas entre outros – assumiam posturas diferentes e visões próprias da natureza, além de explicações diversas para o meio onde viviam. Estes deixaram uma herança incalculável, um legado que serviu de baldrame para o que se tem hoje em termos de conhecimento.

Essa imponente influência dos povos antigos, tanto do ocidente quanto do oriente, é confirmada pela história e evidenciada pela convivência entre as diferentes culturas que circundavam as colônias gregas (cidades cosmopolitas) do mar Jônico:

Essas colônias, dentre as quais se destacaram Mileto e Éfeso, foram importantes portos e entrepostos comerciais, ponto de encontro das caravanas provenientes do Oriente – Mesopotâmia, Pérsia, talvez mesmo a Índia e China -, que para lá levavam suas mercadorias que eram

distinguindo y articulando poco a poco, en conformidad con las diversas maneras en que las distintas escuelas entendían la realidad.”

embarcadas e transportadas para outros pontos do Mediterrâneo que os gregos cruzavam com suas embarcações. Ora, por esse motivo mesmo, nessas cidades conviviam diferentes culturas, e de forma harmoniosa, pois o interesse comercial fazia com que os povos que aí se encontravam, sobretudo os gregos fundadores das cidades, fossem bastante tolerantes (MARCONDES, 2006, p. 22).

Não há como passar por esse mar, banhado de riquezas culturais, sem se molhar. Portanto, é imperativo reconhecer a presença viva das tradições dos povos que precederam aos da cultura helênica, desde o período arcaico. Estudos mais atuais salientam que mitos, cultos religiosos, instrumentos musicais, dança, música, utensílios domésticos e formas de habitação, são legados deixados por essas culturas. O que se nota é que cada cultura tem sua particularidade, sendo assim, o que difere a **filosofia ocidental** da **filosofia oriental**, ou melhor, do **pensamento oriental**, são suas características. Uma evidência desse fato se confirma na própria denominação empregada. Os orientais reconhecem e respeitam o vocábulo **Filosofia** como sendo de propriedade grega, portanto, carrega consigo um mundo filosófico condizente com o da civilização ocidental.

A discussão, ampliada pelos eruditos que acompanham a história da Filosofia, sua origem, influências e legados se divide entre Oriente e Ocidente. As teses dos orientais sempre foram as mais contestadas, como se a Filosofia tivesse surgido de um **milagre grego**, desconsiderando, dessa forma, quase que completamente, a **abertura** cultural, dentre outras, oferecidas por esses povos como um caminho a ser trilhado pelos ocidentais. Como se não houvesse, a partir do contato direto com a civilização oriental, qualquer influência que possa ter contribuído com a preparação do solo, deixando-o fértil e bem irrigado, para que a semente do pensamento grego pudesse germinar e crescer.

3. EDUCAÇÃO: UM PROCESSO PEDAGÓGICO DE DENTRO PARA FORA

A educação é inerente à condição humana. Ela age sobre o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos, havendo sempre uma intencionalidade no ato de educar. Portanto, admite-se que não há uma educação neutra. A partir desse pressuposto, pensando na urgência de uma educação que favoreça o crescimento do sujeito na direção de uma consciência filosófica, cumpre discorrer sobre Educação e Filosofia, com o propósito de exigir que a educação vigente seja questionada desde sua gênese, e uma nova práxis, para o exercício do filosofar,

seja re-pensada. Cabe salientar que a discussão não está centrada no personagem histórico de Sócrates, “mas no que essa figura nos ajuda a pensar, a nós que damos voltas em torno da filosofia” (KOHAN, 2009, p. 19).

A raiz etimológica do termo educação é derivada do latim *educere* (conduzir para fora de), conexas ao termo original *educare* (conduzir, orientar, guiar). Compreender a educação a partir da etimologia da sua palavra permite ao homem refletir sobre seu real sentido. Os gregos, mais precisamente a partir dos diálogos socráticos de Platão, começaram a perceber que tal reflexão trouxe consigo uma nova *paideia*, um novo ideal de educação. Essa palavra, de origem grega, deriva de *paidós* (criança), que a princípio se aludia à criação de meninos. De acordo com Abbagnano, o vocábulo educação, em geral, designa

a transmissão e o aprendizado das técnicas *culturais*, que são as técnicas de uso, produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico (ABBAGNANO, 2003, p. 305, grifo do autor).

Para os gregos, a *paideia* se refere à formação do indivíduo, é a “busca e a realização que o homem faz de si, isto é, da verdadeira natureza humana” (ABBAGNANO, 2003, p. 225). Isso posto, pode-se afirmar que desde as primeiras civilizações a educação já acontecia. O processo educacional era realizado oral e espontaneamente, seu aprendizado se dava por meio da imitação. O ensino era informal: não existiam regras explícitas, nem mesmo um sistema externo para controlar esse processo. O objetivo, na verdade, era garantir a sobrevivência e a manutenção dos princípios morais e religiosos da comunidade.

A *paideia* não era compreendida pelos gregos apenas como educação, mas também como instrução, cultura e formação. A intenção era possibilitar ao homem a procura pelo conhecimento necessário, de modo particular, sendo capaz de participar ativa e conscientemente da organização política e social da *polis*. E a partir de suas reflexões, sobre a realidade que o cerca, buscar um estado de harmonia consigo e com a sociedade, **parindo** suas ideias que, por intermédio do diálogo, serão compartilhadas.

A educação, inicialmente, se dava no espaço da casa, onde a família se via responsável por compartilhar o universo de saberes que considerava relevantes. Essa função também era confiada à figura do pedagogo (*paidagogós*). Esse “era o escravo cuja atividade específica consistia em guiar as crianças à escola, seja a *didascaleia*, onde receberiam as primeiras letras, seja o *gymnásion*, local de cultivo do corpo” (GHIRALDELLI, 2006, p. 8). O pedagogo ficava encarregado, ainda, de cuidar da conduta das crianças, ensinando-lhes boas maneiras e ajudando-as com as lições.

No século V a.C., esse cenário começa a sofrer modificações. Os pais e os escravos já não eram mais os únicos responsáveis pela educação das crianças e dos jovens, surgindo, assim, a figura dos sofistas (450-400 a.C.), denominação que vem de *sóphos* (sábio). Os sofistas eram filósofos, educadores, além de mestres de retórica e oratória. Percorriam as cidades fornecendo e cobrando por seus ensinamentos, discutindo questões filosóficas. Seu público fiel era os políticos em geral, que viam suas habilidades e técnicas como estratégias para se chegar ao poder.

O ensino acontecia nas ruas, praças, templos, enfim, onde fosse conveniente. Com o intento de impor seus valores e costumes à elite da população, os romanos decidiram criar um espaço destinado à educação. Prédios foram construídos e receberam o nome de escola (do grego *skolé* – lazer, tempo livre, ócio).

No período medieval, a educação era entendida como um instrumento para se chegar à sabedoria. As reflexões ligadas à felicidade e à verdade sempre eram discutidas, por serem as mais aspiradas pelo homem. A presença da Igreja marcou essa fase. Como a tarefa de conversão era árdua, os membros de tal instituição religiosa, precisavam dominar a compreensão dos textos da **Bíblia**. Com isso tinham uma rotina de estudos muito intensa, enquanto que boa parte da população não tinha acesso ao saber.

Com o passar do tempo, paulatinamente, esse quadro foi mudando de figura, em razão das necessidades socioeconômicas em transformação. Em decorrência do crescimento dos centros urbanos e da rearticulação das atividades comerciais, surgiu a necessidade de profissionais capacitados para ajudar na administração das cidades e organização dos negócios. Dessa forma, as escolas começam abrir suas portas, ganhando mais audiência para atender essas demandas.

A partir daí, inicia-se um processo de expansão do ensino, aumentando a discussão acerca do funcionamento da escola. Os interesses das classes dominantes motivaram consideráveis mudanças e, refletindo sobre seu público, começaram a pensar na organização escolar: currículo, fases do ensino e disciplinas. Temáticas novas se tornaram prioridades nas discussões, como o direito de inserção da mulher no meio educacional, pois até então, somente os homens poderiam ter acesso ao conhecimento institucionalizado. Desse modo, importa saber que:

(...) nenhuma reforma educacional é apenas técnica e neutra: por trás das decisões existem posições políticas. Ao privilegiar determinado tipo de conteúdo a ser ensinado ou um método para facilitar esse processo, a escola não transmite apenas conhecimentos intelectuais por meio de uma prática neutra, mas repassa valores morais, normas de conduta, maneiras de pensar (ARANHA, 1993, p. 75).

Com o Iluminismo a instituição escolar passou a ser vista como um espaço de significativa importância. A razão era necessária e indispensável para o desenvolvimento da sociedade e os princípios de igualdade e fraternidade faziam parte do discurso dos que seguiam tal movimento. No século XIX, houve a ampliação do número de instituições escolares por toda Europa, mas esse acontecimento não garantiu o acesso a todos à educação, ficando o mesmo restrito a uma parcela, privilegiada, da sociedade.

A educação proposta era condizente com os princípios de individualidade e razão, que nos primeiros séculos da Modernidade, começaram a conquistar seu espaço. Educar para um pensar crítico, não fazia parte dos ideais pautados pela educação dessa época, pois não seria interessante para a burguesia, fortalecida pelo Iluminismo, que sua ordem fosse questionada. Nesse sentido, a educação servia mais como um instrumento de controle social, assim, os burgueses não precisariam se preocupar com a perda do seu poder econômico e político.

Portanto, pensar o ideal de educação defendido pelos gregos (*paideia*) no contexto iluminista e no atual – onde vemos a formação técnica sobrepunhando a crítica e criativa – é impraticável, uma vez que tal modelo entende que a função do educador é estimular, motivar o educando a buscar um caminho para que ele possa

dar à luz às suas próprias ideias, num movimento de pensar/agir, que se realiza de dentro para fora, através de uma transformação interior. E o educando, ao perceber o desenvolvimento de suas ideias, compreenderá que **nada se sabe**, que não existe um saber pronto e acabado. Dessa forma, se realizará, também, a ação do filosofar, como já aspiravam as primeiras escolas filosóficas.

A organização escolar atual vem sendo re-pensada com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação. Porém, mais que isso, urge pensar na construção de uma educação que incentive um saber autônomo, autêntico e criativo, que desperte no educando o espírito inquiridor, permitindo que o mesmo tenha condições de questionar a educação que se oferece e a que se deseja. O espanto, que deu origem à Filosofia na sociedade grega, hoje,

é mais um objeto de consumo, preso às leis do mercado, do que a expressão de uma subjetividade privilegiada admirada perante o espetáculo do mundo. A superabundância de eventos “assombrosos” promovidos pela mídia e o vertiginoso avanço tecnológico têm contribuído para naturalizar o diferente emergente e, conseqüentemente, para transformar o espanto em rotina. Mas o mercado e a mídia ainda não conseguiram apaziguar a insatisfação perante o estado das coisas (GALLO; KOHAN, 2000, p. 187).

Transformar o espanto em rotina é o grande desejo desse sistema opressor vigorante, notadamente nas instituições de ensino, que tenta – juntamente com a defesa da suposta neutralidade da educação – obscurecer a realidade. De acordo com Paulo Reglus Neves Freire (Paulo Freire) não existe neutralidade na educação, sendo, essa, pois, algo indiscutivelmente essencial entre os homens e capaz de iluminar tal obscurecimento. Para esse notável filósofo-educador, sempre lhe pareceu urgente uma conscientização dos oprimidos, através de uma educação que lhes propiciasse uma auto-reflexão sobre seu tempo e espaço, entendendo sua presença no mundo e sua participação no processo de mudança dessa realidade que os cerca. Freire salienta que a grande luta do homem “vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado”, uma luta “por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga” e que quase sempre vem sendo feita, “e isso é o mais doloroso, em nome de sua própria libertação” (FREIRE, 2007, p. 51).

Diante dessas reflexões, imprescindíveis e independentes de tempo e espaço, o que fica evidente é a transformação do pensamento ao longo dos tempos.

E é a partir dele, acompanhado de uma reflexão filosófica e de uma investigação crítica, que será possível lançar um olhar humanizador sobre a educação, onde a mesma será para e com todos, se valendo de uma prática pedagógica que primará pelas dimensões da pessoa humana, rompendo assim, com a lógica utilitarista e desumana do sistema capitalista. Dessa forma, é essencial “que não se perca de vista qual tipo de homem se quer educar, para qual tipo de mundo e qual a sociedade que se propõe a construir” (MARIA, 1996, p. 74).

4. A FILOSOFIA E A ARTE DE FILOSOFAR: DIÁLOGOS

De acordo com Walter Omar Kohan, a origem do filosofar não está em Sócrates, mas tem uma relação involuntária com sua arte, aparecendo como um mandato que dita uma maneira de viver:

Um estilo de vida que não aceita condições, que vale por si mesmo como um princípio incondicional com base no qual se abrem certos sentidos, mas que não pode ser negociado, regateado, restringido, nem sequer dominado (KOHAN, 2009, p. 29).

Na maioria das escolas é comum encontrar um ambiente pouco estimulante para educandos e educadores, sem contar o número expressivo de alunos por sala, o que gera um grande desconforto e incentivo à agitação, ocasionando a desordem. Tradicionalmente é assim que se identifica o espaço da sala de aula. Por isso pensar a aprendizagem do filosofar no cotidiano escolar, nesses moldes, torna-se praticamente impossível.

Nos dias atuais, ainda é comum encontrar uma visão unilateral do processo de construção do conhecimento, entendido como algo que somente o educador tem condições de conduzir. O educando fica com o papel de receptor, de ser passivo, enquanto que o educador – visto por muitos como detentor do saber – assume o único papel ativo no processo educacional.

Conhecer a cultura filosófica produzida pelos filósofos é de extrema importância, pois, socraticamente falando, filosofar sem qualquer fundamento ou

conhecimento prévio é “filosofar no escuro”. Tal cultura precisa ser compreendida como meio para se chegar ao filosofar, porque o cerne, na verdade, é o desenvolvimento da sua aprendizagem. Além disso, faz-se necessário entender que a finalidade da Filosofia é “debater, confrontar ideias, instaurar suspeita, provocar a negação e a ruptura, enfim, incitar à participação no processo de criação de novos homens” (HORN, 2000, p. 32).

É imprescindível que o educador se configure como um constante pesquisador, pois a pesquisa, de acordo com Paulo Freire, permite conhecer o que ainda não se conhece e comunicar ou anunciar a todos, a novidade. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador; todavia, conforme nos mostra Freire, sem a consciência do que isto realmente representa.

No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p. 29).

Ao pensar a aprendizagem do filosofar, é preciso ter bem definido a concepção de educação que se defende, além de questionar que homem e sociedade se pretende formar, considerando o contexto histórico-social do educando. O ato de educar não se reduz à transmissão de conteúdos, é muito mais do que isso, pois se trata de estimular o educando para um novo pensar e sentir sua existência frente às condições sociais com que se depara. É permitir que ele perceba e compreenda sua constante relação com o outro, com a sociedade, valorizando e entendendo que o seu saber deve ser um saber compartilhado, um saber que contribua coletivamente para transformação da realidade que se apresenta.

Nos diálogos intitulados ‘socráticos’, Platão apresenta a prática filosófica de discussão desenvolvida por Sócrates nas praças de Atenas. Essa discussão tem a pretensão de encontrar uma definição para compreender algo, caracterizando a concepção filosófica de Sócrates como um “método de análise conceitual”, o qual defende a tese de que uma boa compreensão resulta de um processo de reflexão do próprio indivíduo, que será capaz de descobrir o sentido daquilo que busca, a partir de sua experiência (MARCONDES, 2006, p. 47).

Sócrates não estava preocupado em responder perguntas, mas em **iluminar**, através do diálogo, o caminho para que seu interlocutor pudesse percorrê-lo com seus próprios passos. Etimologicamente o termo **diálogo** é de origem grega e decorre da fusão entre as palavras *Dia* (divisão) e *Logos* (razão). *Dia* também pode ser traduzido como **através, entre, no meio**. Isso dá uma ideia melhor do diálogo. Dessa forma, Sócrates faz com que seu interlocutor tenha a oportunidade de chegar, por si mesmo, ao que ele julgava ser o verdadeiro e autêntico conhecimento sem, contudo, se esquecer de sua ignorância, de sua longa e incessante caminhada rumo não somente ao saber, mas também de seu bom emprego na vida cotidiana.

A Filosofia se interessa, exatamente, por aquilo que está sob a luz, que se manifesta. Dessa forma, é possível compreender o método socrático como sendo um caminho que conduz o outro na direção do filosofar. O que parece ter motivado Sócrates a filosofar, foi “uma certa insatisfação com o estado de coisas dominante, o que sustenta sua prática de interpelar incansavelmente os seus concidadãos”, acrescentando-se a isso, uma “insatisfação com a ordem das coisas”, porém “não apenas como uma origem cronológica, mas ontológica, existencial” (GALLO; KOHAN, 2000, p. 186).

A dialética socrática não é para ser reproduzida, dada sua realidade, mas deve ser um dos caminhos para se pensar o filosofar, para “encontrar as condições que forjam um nascimento não só temporal, mas lógico e constitutivo da filosofia e seu ensino. Algo que a acompanha ali onde ela se exerce” (KOHAN, 2009, p. 14). Sócrates deixa alguns chamados para os educadores, oferecendo caminhos para sua prática: “examinar-se a si mesmo e aos outros; inverter os valores dominantes, deixar de cuidar do que se cuida e passar a cuidar do que está abandonado” (KOHAN, 2009, p. 29); não se conformar com o olhar para si, olhando também para os outros. Cabe lembrar que esses chamados só terão algum sentido para os que desejam exercer sua prática à maneira de Sócrates, reconhecendo a função educativa da Filosofia e a importância do filosofar. Gallo e Kohan aduzem que:

a filosofia tem sido sempre educativa, seja nas implicações do pensamento filosófico, seja na prática dos filósofos. A filosofia nunca pode esconder seus efeitos para um outro, e isto é manifesto mesmo naqueles filósofos que negaram enfaticamente qualquer interesse em falar para um outro. A

filosofia sempre fala para o outro, ela sempre se faz com um outro, mesmo que ele seja um outro internalizado. Neste aspecto, a filosofia é uma prática profundamente dialógica; não no sentido de ela procurar o consenso ou o mútuo entendimento, mas sim no sentido de ser um dia-logos, um logos que atravessa pelo menos duas vozes: a voz daquele que fala e a voz daquele sobre o qual se fala (GALLO; KOHAN, 2000, p. 181-182).

A Filosofia é, ao mesmo tempo, produzida e ensinada. Ela “foi e é produzida no debate participativo, seja na *ágora* de Atenas, na praça do mercado, na sala de aula ou num debate interior consigo mesmo ou com as obras dos grandes filósofos” (GALLO; KOHAN, 2000, p. 193). Assim sendo, pensar o seu sentido e a sua arte, sobretudo nas instituições educacionais, começando pela sua própria concepção como ‘disciplina’, hoje, obrigatória nos currículos do Ensino Médio, é um desafio que toca a todos os que, de modo sério e honesto, se colocam nessa trilha. Esta é, pois, uma questão nevrálgica da Filosofia, a qual se empreende, desde Sócrates: a busca de seu sentido, no qual sua realização pelo homem se dá na interrogação não só de si, mas também do outro. E isto sem se olvidar da negatividade que acompanhava Sócrates: o não crer saber, para, assim, encontrar-se sempre disposto a aprender.

5. POR UMA FORMAÇÃO MAIS HUMANA

Vive-se, na contemporaneidade, um momento de intensas transformações caracterizado por um volume e velocidade de informações que grande parte da sociedade não está dando conta de acompanhar. E aqueles que não acompanham esse movimento são marginalizados, se tornando escravos de uma sociedade que está mais preocupada com o ter do que com o ser. Isso fica bastante evidenciado a partir do que sociólogo polonês Zygmunt Bauman, chama de “tempos líquidos”. Significa dizer que tudo muda rapidamente, dando a impressão de se estar caminhando sobre uma corda bamba, o que gera inseguranças. O medo dos vínculos tem sido constante e os valores encontram-se dissolvidos em meio ao individualismo. Os laços humanos estão cada vez mais frágeis, sendo minados, em boa parte, pelas relações de rede que vêm sobrepujando a sociedade. Para muitas pessoas, a relação com o outro tem se resumido a dois atos simples: conectar e desconectar. Essas ações se tornaram frequentes na vida do homem que, hoje, vive

“numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo” (BAUMAN, 2011).³ Urge a necessidade de se pensar a formação docente nesse contexto, no qual a invasão tecnológica vem acontecendo em todos os setores da vida social, interferindo nas relações humanas e, conseqüentemente, no processo educacional.

É notório que a formação docente está presa às estruturas estáveis de legitimação. Isso exige da sociedade uma postura firme, começando por re-pensar os valores e atitudes em meio a essa crise que a sociedade atual vem atravessando, buscando cada vez mais o sentido desse processo de formação que leva a dois caminhos distintos: humanização ou desumanização. Num curso de formação, seja ele qual for, para se pretender um desenvolvimento do ser, de forma mais humana, é preciso priorizar aquilo que Antônio Joaquim Severino acredita ser a coisa mais fundamental que existe: a formação filosófica. Contudo,

(...) só podemos nos realizar como indivíduos plenamente humanizados graças a nossa inserção no processo produtivo do trabalho, graças a nossa participação ativa na vida social e graças a nossa vivência no universo da cultura simbólica. São nessas esferas do agir prático de nossa existência histórica que, afinal, podemos nos personalizar, desde que o trabalho não seja degradante, a sociabilidade não seja opressiva e a cultura não seja alienante. Não se pode perder de vista a força desumanizadora dessas mediações (SEVERINO, 2000, p. 11-13).

De acordo com Severino, a existência da Filosofia nos cursos de formação docente não é justificada por uma erudição sofisticada, como muitos acreditam, tampouco por academicismo. Sua justificativa está na exigência do amadurecimento humano do educador. Trata-se de uma questão antropológica, que busca explicar o sentido da existência do homem inserido na comunidade, enfrentando situações conflituosas, na qual a única filosofia aceita pelo sistema vigente é a da alienação. Faz-se necessário uma abordagem filosófica no processo de preparação para a docência como uma possibilidade de superação de uma qualificação técnica, alienada, caminhando na direção de uma formação mais humana. Além de uma construção da própria identidade do sujeito, exercendo sua função eminentemente política, contribuindo, destarte, para a transformação da sociedade atual e

³ <http://www.cpfcultura.com.br/estrategias/#!/encontros>. Acesso em 27/03/2012.

emancipação do homem. A Filosofia exerce papel fundamental nesse processo. Para Severino,

É óbvio que o papel da filosofia na emancipação do homem é fundamental. O único instrumento que o homem tem para projetar e implementar as vias de sua libertação, para se inserir efetivamente nas mediações históricas reais, para instaurar a dignidade humana – o único instrumento de que dispõe, sua única ferramenta, é o conhecimento. E esse conhecimento precisa ser competente, criativo, ser crítico; ele precisa ser um conhecimento entrelaçado com essa perspectiva filosófica. Não se pode admitir que o conhecimento se exaure no informacionismo científico e no operacionalismo técnico (SEVERINO, 2000, p. 13).

Nesse sentido, os professores precisam ser os construtores e partícipes de uma relação que se sabe inacabada, buscando a emancipação do sujeito, para que seja atuante e não omissa e que possua uma postura filosófica diante do meio social do qual faz parte e que, também, é responsável. “Este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao ser mais, à humanização dos homens” (FREIRE, 2005, p. 86).

A preparação recebida pelo docente, no transcurso da sua vida acadêmica, precisa ter “sólida formação científica, política e filosófica”, para que se tenha uma visão do homem como ser sócio-histórico, capaz de modificar o meio em que vive e, também, ser modificado, por ser um ser de relações (SEVERINO, 1994, p. 40). Diante dessa formação filosófica sólida, o professor será capaz de proporcionar aos alunos momentos que provocarão seus questionamentos sobre sua realidade, pois é ele que os conduzirá no seu desenvolvimento, auxiliando-os na criação e reinvenção do seu pensamento.

Admite-se, portanto, que a Filosofia desempenha papel imprescindível na formação do professor, ajudando-o a compreender, entre outras coisas, o fenômeno da educação, levando-o a refletir sobre seu cotidiano, possibilitando a re-elaboração de sua prática. Ao pensar a formação docente, “deve-se ter claros os ideais de homem, escola e de sociedade que se quer construir”. Disso decorre “a tarefa de pensar a nossa condição humana e questionar nossa posição no mundo (...)” (CARMINATI, 1997, p. 5). É preciso pensar a formação docente como uma preparação para o enfrentamento dos problemas inerentes à educação e à vida humana, superando as dificuldades, compreendendo e administrando os conflitos gerados no mundo, numa ação transformadora.

CONCLUSÃO

Não se pode falar de Filosofia sem mencionar a arte de filosofar, tampouco discorrer sobre a primeira e a segunda, sem uma articulação com a educação. Defender a presença da Filosofia na escola não é somente o que está em discussão, pois não se trata, por princípio, de uma questão de disciplina, mas de uma relação com o saber. O que precisa ser considerado é a forma com que a mesma será inserida: se com o propósito da formação para um pensamento criativo e filosófico do indivíduo, capacitando-o para questionar aquilo que o oprime, ou, simplesmente, como um emaranhado de conteúdos que o educando tem que assimilar e reproduzir sem que possa compreendê-los realmente e re-significá-los no seu cotidiano.

O educador precisa despertar o desejo de saber do educando, e, mesmo que haja o desapontamento, a decepção, ter forças para buscar novos caminhos que auxiliem sua prática pedagógica. Somente dessa forma, será possível desenvolver a arte de filosofar, como em Sócrates. Para tanto, antes de tudo, é imperativo refletir sobre o sentido da Filosofia nas práticas educacionais, sendo necessário, para isso, mergulhar no universo da formação docente.

A realidade que se apresenta na atualidade, aponta que o mal-estar contemporâneo está na perda de lugar do homem no mundo por ele criado. Sua desorientação ontológica o conduz na direção de uma tentativa penosa: decifrar o sentido da vida. Uma vez perdido, no tempo e no espaço, tende a descobrir, ou, ao menos buscar estabelecer, seu próprio lugar nesse indefinido universo. Para que tal realidade possa ser discutida no ambiente escolar, é importante construir um espaço, propício e motivador, onde educadores e educandos possam compartilhar experiências, possibilitando, assim, o confronto de concepções e o desenvolvimento do pensamento.

Frente aos problemas que a sociedade contemporânea apresenta, urge colocar em evidência as discussões que circundam, sobretudo, o âmbito educacional. Esse deslocamento precisa ser realizado mundialmente, a fim de que maneiras possíveis para enfrentar as dificuldades cotidianas sejam pensadas e

executadas de modo articulado. Desse processo, participam educadores e educandos, sendo que os primeiros se apresentam como provocadores, mediando e criando possibilidades para as novas significações a serem criadas também pelos segundos. Destarte, ambos precisam se reconhecer num processo que está sempre em construção, no qual o professor se apresenta como provocador, mediando e criando possibilidades para as novas significações ofertadas. No entanto, educadores e educandos precisam se reconhecer nesse processo sempre em construção.

PHILOSOPHY AND EDUCATION: A RELATIONSHIP BETWEEN ART AND PEDAGOGY

ABSTRACT

This article aims to contribute to the debate that revolves around the triad: Philosophy, Philosophy and education, motivating thought to reflect philosophical and pedagogically about issues that pertain to the teaching of Philosophy in Brazil. This altercation comes breaking boundaries and across "times spaces" schools and school not. A dialogue with several authors and documents, search-join voices to reflect, discuss and re-think that relationship "triadic", in which the philosophizing is presented as an instrument able to assist in building a creative thinking and transformer. The intention of this study is not exhausting the theme presented, nor cover all issues involving the triad mentioned; all this would be impractical. However, if you want to re-think, above all, the urgency of an education that encourages the growth of the subject in the direction of a philosophical conscience, allowing the same unable to question, among other things, the education that is offered and the. Thus, it is essential, first of all, know what kind man intended form and to which model of society.

Keywords: Philosophy. Philosophize. Education.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Tradução de António Borges Coelho, Francisco de Sousa e Manuel Patrício. 6. ed. Lisboa: Presença, 1999.

_____. **Dicionário de Filosofia**. Tradução coordenada por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2 ed. rev. atual. São Paulo. Moderna, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Estratégias para a vida - Entrevista**, 23 de julho de 2011. Disponível em: <http://www.cpflcultura.com.br/estrategias/#!/encontros>. Acesso em: 27/03/2012.

CARMINATI, Celso João. **O ensino de Filosofia no II grau: do seu afastamento ao movimento pela sua reintrodução** (A Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas – SEAF).

Centro de Ciências da Educação/UFSC, Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação).

FRAILE, Guillermo. **Historia de La Filosofía: Grecia y Roma**. 9. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010. Vol. I. (Reimpresión).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** : saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. Educação e Conscientização. In: **Educação como Prática da Liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira; KOHAN, Walter Omar. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. In: GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 174-195.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **O que é Pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos).

HORN, Geraldo Bauduino. A presença da filosofia no currículo do Ensino Médio brasileiro: uma perspectiva histórica. In: GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.17-33.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LIMA, Walter Matias. Considerações sobre filosofia no ensino médio brasileiro. In: GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 197-205.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARIA, Joaquim Parron. **Novos paradigmas pedagógicos**: para uma filosofia da educação. São Paulo: Paulus (Coleção Pesquisa & Projeto), 1996.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Prólogo. In: GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.11-14.